



ENCICLOPÉDIA

DOS

MUNICÍPIOS BRASILEIROS

ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS

PLANEJADA E ORIENTADA

por

JURANDYR PIRES FERREIRA

PRESIDENTE DO I. B. G. E.

COORDENAÇÃO ADMINISTRATIVA

DE

VIRGILIO CORRÊA FILHO

Secr.-Geral do C. N. G.

e

LUIZ DE ABREU MOREIRA

Secr.-Geral do C. N. E.

SUPERVISÃO GEOGRÁFICA

DE

SPERIDIÃO FAISSOL

Dir. de Geografia

ORDENAÇÃO E REVISÃO TÉCNICA

DE

WILSON TAVORA MAIA

Inspetor Técnico

SUPERVISOR DA EDIÇÃO

DYRNO PIRES FERREIRA

Superintendente do Serviço Gráfico

21 DE OUTUBRO DE 1957



OBRA CONJUNTA DOS CONSELHOS
NACIONAL DE GEOGRAFIA E NACIONAL DE ESTATÍSTICA

DIRETÓRIO CENTRAL

Dr. ALBERTO I. ERICHSEN
Dr. ALBERTO R. LAMEGO
Dr. ARMANDO M. MADEIRA
Gen. AURELIANO L. DE FARIA
Prof. C. M. DELGADO DE CARVALHO
Cel. DIONISIO DE TAUNAY
Com. E. BACELAR DA C. FERNANDES
Dr. E. VILHENA DE MORAES
Cel. F. FONTOURA DE AZAMBUJA
Dr. FLÁVIO VIEIRA
Dr. H. DE BARROS LINS
Dr. J. F. DE OLIVEIRA JUNIOR
Méd. J. GUIMARÃES ROSA
Gen. JACYNTHO D. M. LOBATO
Gen. JAGUARIBE DE MATTOS
Alm. JORGE S. LEITE
Dr. MOACYR M. F. SILVA
Dr. MURILO CASTELLO BRANCO
Dr. PERICLES M. CARVALHO
Prof. VÍTOR R. LEUZINGER

JUNTA EXECUTIVA CENTRAL

Dr. ALBERTO MARTINS
Dr. AUGUSTO DE BULHÕES
Cel. DIONISIO DE TAUNAY
Ten.-Cel. EDSON DE FIGUEIREDO
Dr. GERMANO JARDIM
Dta. GLAUCIA WEINBERG
Dr. H. GUIMARÃES COVA
D. HILDA GOMES
Cons. JOSÉ OSVALDO MEIRA PENNA
Dr. MARIO P. CARVALHO
Dr. MOACYR M. F. SILVA
Dr. NIRCEU C. CEZAR
Dr. PAULO MOURÃO RANGEL
Cap. Mdt-e-Guicira PAULO OLIVEIRA
Dr. RUBENS D'ALMADA HORTA PORTO
Dr. RUBENS GOUVÊA
Dr. RUBENS W. DORBS
Dr. THOMÉ ABDON GONÇALVES
Dr. VÍTOR JOSÉ SILVEIRA

PRESIDENTE DOS CONSELHOS

Prof. JURANDYR PIRES FERREIRA

Vice-Presidente

Prof. MOACYR MALHEIROS F. DA SILVA

Secretário-Geral

Dr. VIRGILIO CORRÊA FILHO

Secretário-Assistente

OLMAR GUIMARÃES DE SOUZA

Secretário-Geral

Dr. LUIZ DE ABREU MOREIRA

Dir. de Doc. e Divulgação

Dr. WALDEMAR CAVALCANTI

Chefe do Gabinete da Presidência

Dr. J. M. BROXADO FILHO

Substituto

Dr. ALVARO MARTINS DA ROCHA

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA

ENCICLOPÉDIA
DOS
MUNICÍPIOS BRASILEIROS

XIV VOLUME

RIO DE JANEIRO
1952

948.1
0592



SUPERVISÃO DOS VERBETES

Clovis Penna Teixeira
Inspetor Regional do Amapá

Adão de Oliveira Medeiros
Inspetor Regional do Rio Branco

Romano Evangelista da Silva
Inspetor Regional do Acre

José Bezerra Duarte
Inspetor Regional de Rondônia

Francisco Valadares Filho
Inspetor Regional do Amazonas

Francisco Cronje da Silveira
Inspetor Regional do Pará

PREFÁCIO

INICIA-SE neste XIV volume a apresentação dos verbetes municipais, nos quais se procurou enquadrar, em síntese, os elementos necessários aos conhecimentos da vida e da estrutura dos municípios brasileiros.

Este volume trata dos Estados do Amazonas e do Pará e dos Territórios do Amapá, Rio Branco, Acre e Rondônia. Aprecia, realmente, a região Norte do Brasil que se poderia melhor chamar a Amazônia ou ainda o Inferno Verde, pela exuberância de suas matas e pela potencialidade de suas terras irrigadas por este verdadeiro mar doce, que se estende e se embrenha, numa penetração magnífica, pela região tórrida do Brasil.

Essa zona representa uma reserva econômica em potencial com perspectivas admiráveis a se projetar no futuro. É verdade que as condições agrestes do clima, a falta de densidade humana na sua demografia, as distâncias imensas que medeiam os centros populosos, as condições do solo que se exaure com imensa rapidez, as dificuldades de uma defesa sanitária suficiente, tudo isso conspira contra o progresso e o desenvolvimento do Norte brasileiro.

Aberta a clareira da mata, a fermentação da matéria orgânica depositada numa espessa camada de húmus, exala cheiros vivos com o ataque solar e a primeira plantação aí floresce com sucesso impressionante. Mas as enxurradas levam esses depósitos, e um areal sucede em pouco tempo à gigantesca mata que retinha os fertilizantes que serviram para o sucesso da primeira colheita.

Por outro lado, as terras caídas, resultantes do efeito dinâmico das águas sobre as margens não defendidas do grande rio e dos seus notáveis afluentes, vai colaborando nas dificuldades do aproveitamento agrícola dessa região. Já é quase um lugar-comum classificar-se o Amazonas como o mais impatriótico dos rios, pois que ao se desmancharem essas terras caídas aumenta a descarga sólida que desemboca no Atlântico e vai até à Flórida, levada pelas correntes oceânicas para ser depositada nessa península americana.

O Amazonas tem um módulo impressionante para a medida de suas coisas; tudo por lá é grande. Grande na medida do volume de suas águas, grande é a sucuri-açú, que por vêzes vai a dezenas de metros, grande a formiga que chega a representar perigo à so-

brevivência do homem, grande os peixes, os saúrios, como os Caiman Niger, grande a variedade das aves, grandes são as possibilidades econômicas dessa terra, mas difíceis são os seus aproveitamentos em razão do vulto dos empreendimentos necessários a dominar a inconstância dos leitos, a fúria das águas, o traiçoeirismo dos animais selvagens e a agressão dos germes patológicos.

É verdade que a lenda nos revive a existência de tribos de anões no vale do Juruá e Gonçalves Dias a prestigia veiculando.

O próprio tipo brasileiro do Amazonas, que se vem formando com o entrelaçamento do emigrante nordestino e o índio, que se vem incorporando à civilização, se apresenta com estatura inferior à média geral do País. Mas o que é verdade é que se agigantam na bravura de sua cotidiana luta frente a agressão da natureza exuberante.

Quando Gonçalo Pizarro desceu a encosta dos Andes para a descoberta do Amazonas, descreveu a epopéia dramática dos pioneiros do sertão e, ao mandar Orelana com 50 companheiros num barco que construíram calefetando-o com a lã de suas vestimentas, buscar a jusante alimentos e meios de subsistência, perdeu-se dêle. Orelana não podendo voltar desceu o grande rio. Enquanto Gonçalo Pizarro, desiludido de esperá-lo, regressou ao Peru com a miséria dos seus andrajos e menos da metade de sua gente.

Orelana, no trajeto, foi descobrindo populações nativas que lhe encantaram pela novidade de seu sistema de vida e lhe permitiram atingir o Atlântico. Acontece que nos conta da existência de tribos femininas, guerreiras indômitas que lhe castigaram a viagem — origem do nome que deu ao grande rio e à notável região que atravessou.

Hoje não há nenhuma reminiscência dessas habitantes do vale, mas guardaram-se na fibra do amazonense essas qualidades de temperamento necessárias à sobrevivência na situação de luta permanente contra a natureza.

O seringueiro, postado em sua habitação paleolítica e deslocando-se na sua montaria, a canoa, que lhe serve de condução, é o exemplo do heroísmo na luta permanente pela vida.

Certo é que as facilidades dos piscosos rios, a caça abundante e a extraordinária adubação das matas, oferecem ao homem isolado nas margens dos igarapés, uma maior facilidade na obtenção dos alimentos. Isso o deixa contemplativo diante da grandeza do esforço necessário a qualquer atividade econômica que se integre na comunidade nacional. Vive como marginal, no ponto de vista econômico, em ciclos fechados. As pequenas povoações oferecem por isso motivos muito reduzidos para um florescimento muito lento.

O ciclo da borracha deu, entretanto, um impulso vigoroso na economia amazonense e gravou, principalmente, nas páginas da sua história, o heroísmo dos seringueiros.

A falta de ordenação, o espaçamento na coleta do látex, foi tornando economicamente impossível à Amazônia concorrer com as plantações regulares, realizadas nas colônias do Extremo Oriente. Por outro lado, a política de valorização fomentou essas plantações estrangeiras que vieram destruir a principal fonte de riqueza em que se estribava a economia amazonense.

Este fenômeno deveria ter servido de advertência à política de valorização cafeeira que faz com que o Brasil venha perdendo o seu monopólio nos mercados internacionais

quanto àquele produto. Não valeu, entretanto, a história da valorização da borracha como advertência na nossa política financeira e a idéia de viver o dia de hoje na ganância imediatista dos lucros rápidos, fizeram com que perdêssemos o domínio do mercado da borracha e agora estamos assistindo à debilidade de nossa posição no mercado internacional do café.

Mas deixemos o ciclo da borracha que nos deu momentos de euforia focalizados nos lendários gastos de Manaus onde o dinheiro corria em abundância e que permitiu a construção da encantadora cidade que domina a embocadura do rio Negro.

Hoje outro ciclo se nos entolha na economia da região. É a bacia petrolífera, que se perfura dando a contribuição energética necessária à obra ciclópica que se desenha como necessária, para o aproveitamento deste potencial magnífico de riqueza, que é, sem dúvida, a Amazônia.

Os portugueses reconheceram bem o seu valor quando procuraram localizar, as cidades que criaram, nos pontos estratégicos, para defender a propriedade destas terras e nos legar esse tesouro de riqueza.

Riqueza certamente não aproveitada, nem mesmo possível de um aproveitamento global num prazo curto, mas riqueza fabulosa que permitirá uma enorme localização humana, quando se puder defender as terras das enxurradas que lhe desnudam a crosta, e oferecer condições de transporte que lhe atendam economicamente ao escoamento de sua produção.

De fato, durante a estiagem, há, em certos rios navegáveis da bacia amazônica, diferenças enormes no volume de suas águas, afastando os barcos de maior calado da faina de seu trabalho.

O Acre, por exemplo, só é servido por uma navegação econômica durante seis meses por ano. Na estiagem a altura d'água no Juruá e no Purus chega, em certos pontos, a menos de dois pés, o que encarece, sobremaneira, o custo das utilidades transportadas. Nas cheias, ao contrário, permite uma navegação franca de 8 a 10 pés de calado. É verdade que existe, próximo à Lábrea, um boqueirão no vale do Purus, que a natureza reservou ao homem para um dia realizar um empreendimento e, substancialmente, melhorar os transportes por via líquida, para essa parte daquele território. Território que tantas esperanças tem congregado como fonte de riqueza nacional.

O Acre é a última incorporação territorial brasileira conseguida no Tratado de Petrópolis. Ele teve, no período áureo da borracha, um impulso de impressionante prosperidade.

A crise que adveio da concorrência internacional no mercado do látex causou profundo abalo na sua vitalidade econômica. Contudo seu progresso se tem manifestado nestes últimos anos com uma vivacidade digna de ser ressaltada.

Rondônia, o território que se localiza na bacia do Madeira, é, no momento, o que maiores perspectivas oferece como base civilizadora do interior da América Meridional. Desde Pôrto Velho até Guajará-Mirim, já no Mamoré, o rio Madeira apresenta uma série de quedas que oferecem um formidável potencial energético avaliado em milhões de c.v. Essa

energia será forçosamente a base de um centro industrial capaz de levar a civilização ao coração da América do Sul.

A navegação do Mamoré e de seu afluente Ichilo segue até penetrar na zona petrolífera da Bolívia.

Ainda hoje grande parte do escoamento da produção boliviana da fralda leste dos Andes se processa pelo Pôrto Grether e vai ser tributária da Estrada de Ferro Madeira—Mamoré.

Cabe aqui um parêntesis para lamentar um erro que repetidamente cometemos: Quando uma cachoeira interrompe uma linha regular de navegação temos optado pela solução de vencer o empecilho por uma estrada de ferro. Assim fizemos para vencer o Tocantins, na Cachoeira de Itaboca, assim para contornar Paulo Afonso no São Francisco e assim para ligar os estirões navegáveis do Paraná interrompidos por Sete Quedas. Em nenhum dos casos o êxito correspondeu à expectativa. De fato, um sistema de transporte mais nobre não satisfaz, como ligação de dois sistemas mais pesados. As estradas de rodagem não satisfazem como ligações de trechos ferroviários, e as linhas de aviação não completam rodovias interrompidas.

Construímos com sacrifícios ingentes a Estrada de Ferro Madeira—Mamoré. Se, ao contrário, tivéssemos procurado o aproveitamento das escadinhas do Madeira, com a introdução de um sistema de eclusas, além de obtermos o caminho natural de escoamento da produção da vertente oriental dos Andes, teríamos um disponível energético para fomentar a industrialização do centro da América Meridional.

É esse o ponto mais alto a focalizar no estudo da Amazônia.

Um centro industrial em Rondônia, alimentado pela energia dos desníveis do Madeira, oferecerá, para localização humana nas terras hoje praticamente desertas da Bolívia e do Peru, o elemento de seu progresso. Além disso, dará, fatalmente, à gleba fértil do território de Rondônia, a expansão por todo o vale do alto Madeira. O Madre Dias leva a navegação até Pôrto Maldonado no Perú e estende-se mesmo até Manu. O Mamoré nos oferece uma navegação regular que atinge a confluência do Rio Grande com o Rio Ichilo e, por esse último, vai até pôrto Grether já no extremo da faixa petrolífera da Bolívia. Pelo Bauré se navega até Huacaraje e Baires e pelo seu afluente San Martin até Pôrto Saucedo. O Paraguá se mantém navegável até Frey e Monte Cristo. Mas a montante de Pôrto Velho não são só cidades bolivianas e peruanas que se atinge numa expansão penetrante, pois, pelo rio Branco se atinge Oriente, pelo rio Cabixi vai-se até Pôrto Amarante, pelo Corumbiara até Pôrto Triunfo, pelo São Miguel ao Pôrto Treze de Maio, pelo Guaporé até Pôrto Telha e pelo Alegre até Piúva.

Os empecilhos do Madeira são, contudo, numerosos desde as cachoeiras de Santo Antônio, dos Macacos, do Salto do Teotônio, as cachoeiras de Morrinho, o Caldeirão do Inferno, Salto do Girau, Cachoeira de Paredão e várias outras, como as cachoeiras de Araras, Periquitos, Pau Grande e Guajarará-Açu. São dezoito lances principais afora algumas corredeiras de menos destaque. Mas todos esses saltos somam apenas um desnível de 62 metros ao todo, que poderiam ser vencidos por eclusas de 4 metros de altura.



AVISO

**DEVIDO AO TAMANHO ORIGINAL DO DOCUMENTO.
NÃO FOI POSSÍVEL DISPONIBILIZAR O SEU CONTEÚDO
NA ÍNTEGRA. PARA TER ACESSO AO ARQUIVO DIGITAL
COMPLETO, POR FAVOR, ENTRAR EM CONTATO COM A
GERÊNCIA DE ACERVOS DIGITAIS NO
CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA.**

FONE: (92) 2125-5330

FAX: (92) 2125-5301

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura



**CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA**